

ROSIMARY VELOSO DA SILVA

**O PSICOPEDAGOGO E AS DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação da
Faculdade Católica de Anápolis para
obtenção do título de Especialista em
Psicopedagogia Clínica e Institucional
sob orientação da Professora
Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS
2012

ROSIMARY VELOSO DA SILVA

O PSICOPEDAGOGO E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização Institucional da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis-GO, ____ de _____ de _____.

APROVADA EM: ____/____/____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Ana Maria Vieira de Souza
Professora Orientadora

Profª. Ms. Márcia Sumire Kurogi

Profª. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
convidada

DEDICATÓRIA

A Deus, que me carregou em seus braços
e atendeu até mesmo os meus menores pedidos.

Aos meus filhos e ao Pedro,
pela confiança e suporte na realização
do meu ideal.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que com sua infinita sabedoria me agraciou com inteligência.

A minha orientadora, que compartilhou seus conhecimentos e experiências em meu aprendizado.

Aos meus filhos Latif, Wanessa, Laís e Davi que com sabedoria me deram força.

Aos meus pais, pelos sacrifícios que fizeram para que eu pudesse ser uma pessoa íntegra.

Ao Pedro, que com perseverança me impulsionou a continuar mesmo nos momentos de angústia.

“Esse negócio de Psicopedagogia
é fazer a gente aprender sem
saber que ta aprendendo
assim brincando.”

Celso, 8 anos, 1ª série

RESUMO

O estudo da Psicopedagogia se faz no processo de aprendizagem e suas dificuldades, com caráter terapêutico e preventivo, atuando na clínica junto à família e a escola com esclarecimento das etapas do desenvolvimento a fim de possibilitar a compreensão das características específicas de cada sujeito. A escuta psicopedagógica possibilita o psicopedagogo conhecer o sujeito aprendente com o interjogo do desejo (conhecer/ignorar). O psicopedagogo deve buscar conhecimentos para compreender de forma completa o sujeito da aprendizagem com o objetivo de identificar como ele vai aprender e a possível causa deste bloqueio. Durante o processo de diagnóstico, são realizadas várias atividades psicopedagógicas como: provas, anamnese e testes, valorizando então o potencial da aprendizagem do sujeito, abrindo espaços para que ocorra a construção do conhecimento. Através do Diagnóstico Psicopedagógico é que o psicopedagogo terá suporte para o encaminhamento necessário, com abordagem integradora das dificuldades apresentadas e norteadora das intervenções a serem aplicadas, para que aconteça com rapidez a superação do sintoma.

Palavras-chaves: Psicopedagogia. Aprendizagem. Investigação. Diagnóstico.

ABSTRACT

The study of Psychopedagogy is done in the learning process and its difficulties, with therapeutic and preventive character, working in the clinic with the family and the school with clarification of the development in order to understand the specific characteristics of each subject. The psychopedagogical listen makes possible psychopedagogists meet fellow learner with the interplay of desire (to know / ignore). The psychopedagogists must search knowledge to understand fully the subject of learning with the aim of identifying how he will learn and this can cause blockage. During the diagnostic process, various activities are held psychopedagogical as evidence, interview and testing, then enhancing the learning potential of the subject, opening spaces for the construction of knowledge. Through Diagnosis Psychopedagogical is that the psychopedagogists will have support for routing, integrated approach to the difficulties presented and guiding interventions to be applied for it and then to happen quickly overcoming the symptom.

Keywords: Psychopedagogy. Learning. Research. Diagnosis.

LISTA DE SIGLAS

ABPp - Associação Brasileira de Psicopedagogia

AEP - Associação Estadual de Psicopedagogos do Estado de São Paulo

CEMAD - Centro Municipal de Atendimento à Diversidade

CEPs - Centros de Estudos Psicopedagógicos

DCM - Disfunção Cerebral Mínima

EOCA - Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS DA PSICOPEDAGOGIA	12
1.1 HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA.....	12
1.2 ÁREA QUE ATUA A PSICOPEDAGOGIA.....	14
1.3 COMO SE DÁ A APRENDIZAGEM NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	16
CAPÍTULO 2 - ATUAÇÃO DO ESTAGIÁRIO EM PSICOPEDAGOGIA	20
2.1 METODOLOGIA.....	20
2.2 CAMPO DE ESTÁGIO.....	21
2.3 TÉCNICAS.....	21
2.4 PROCEDIMENTOS	22
CAPÍTULO 3 – INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E A PESQUISA DE CAMPO	23
3.1 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO	23
3.2 INSTRUMENTOS UTILIZADOS.....	23
3.2.1 Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem	23
3.2.2 Anamnese	25
3.2.3 Provas projetivas	27
3.2.3.1 Desenho da figura humana	28
3.2.3.2 Os quatro momentos do meu dia	28
3.2.3.3 Eu e minha família	28
3.2.3.4 Meus <i>cumpleaños</i>	29
3.2.3.5 Pareja educativa	29
3.2.4 Provas Pedagógicas	30
3.2.4.1 Leitura e Escrita.....	30
3.2.4.2 Realismo Nominal	31
3.2.4.3 Provas de avaliação de conteúdo escolar	32
3.2.4.4 Hora do jogo	32
CAPÍTULO 4 – RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO	34
4.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO	34
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIA	37
APÊNDICE	38
ANEXO	41

INTRODUÇÃO

Realizar o estudo sobre Psicopedagogia é de suma importância para a compreensão de como se dá a construção do sujeito ensinante e aprendente e como acontecem as resoluções dos problemas de aprendizagem.

O objetivo deste trabalho é ressaltar a importância do Psicopedagogo no processo de aprendizagem, na construção do conhecimento com caráter preventivo (o desenvolvimento social) e terapêutico (análise, diagnóstico e tratamento), interar sobre as etapas de desenvolvimento, as dificuldades de aprendizagem e levantamento de hipóteses, investigação, diagnóstico e intervenções psicopedagógicas.

Para o atendimento clínico o psicopedagogo deverá perceber no sujeito o processo ensino-aprendizagem em sua totalidade e a inter-relação do corpo e do organismo, da inteligência e do desejo associados, pois isoladamente não são suficientes para resolver o problema da aprendizagem. Segundo Weiss (2010), durante este atendimento é possível a intervenção com a família e a escola sendo necessário que aconteça apoio permanente para que ocorram mudanças de conduta do sujeito, dentro do respeito às suas características pessoais, esses atendimentos podem acontecer de várias formas (individual, em grupo, familiar, na escola, empresa ou hospital) de acordo com a necessidade. Então a aprendizagem não é estudada em campo restrito, a atuação do psicopedagogo, o resgate da identificação do conhecimento e o prazer de aprender ocorrem durante todo o desenvolvimento do sujeito.

De acordo com Fernández (1991, p.67)

Poucos psicoterapeutas conhecem o funcionamento mental, logo não podem interpretar o problema de aprendizagem. É necessário saber como se faz para somar, por exemplo, para descobrir a que cenário simbólico pode corresponder a soma. Se alguém não sabe qual e como é a operação alterada, não pode dar-lhe uma significação.

Fernández (1991) deixa claro que o psicopedagogo precisa assumir uma postura de estudo, buscar conhecimentos que lhe serão suporte para reflexão, prática e compreensão a cerca desta ciência que é a Psicopedagogia.

O trabalho psicopedagógico se dá a partir de uma queixa e para que aconteça o Diagnóstico Psicopedagógico com respeito à singularidade de cada sujeito se faz necessário usar metodologias próprias para cada aprendente.

Metodologias estas embasadas nas pesquisas iniciadas na Argentina por Jorge Visca e por vários outros pesquisadores psicopedagógicos, que são dentre alguns Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA), Anamnese, testes, provas pedagógicas, síntese das conclusões e devolutiva à família; tudo isso em função da melhor possibilidade da superação da queixa informada.

As principais bases teóricas para a elaboração deste material estão contidas nos teóricos: Sara Pain, Alicia Fernández, Nádía Bossa, Jorge Visca, Maria Lúcia Lemme Weiss, Antonio Manuel Pamplona de Moraes, Emília Ferreira, Ana Teberosky, Piaget, Vygotsky e muitos outros que estão nas referências bibliográficas.

A interação da teoria nas diferentes áreas do conhecimento sobre o organismo, o corpo, a inteligência e o desejo com a prática psicopedagógica são os grandes desafios a serem vencidos pelo psicopedagogo o qual deve encontrar o ponto de equilíbrio para perceber o sujeito e o processo de ensino-aprendizagem a fim de favorecer a apropriação do conhecimento humano.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS DA PSICOPEDAGOGIA

1.1 HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA

A história das etapas de crescimento da Psicopedagogia se dá a partir da preocupação com “o processo de aprendizagem humana” Visca (1987), nos aspectos cognitivos, emocionais e corporais. O profissional psicopedagogo possui conhecimentos para poder perceber, problematizar e buscar a transformação nas dificuldades de aprendizagem, a fim de reduzir o fracasso escolar.

Bossa (2000) traça um perfil dos primeiros estudos sobre as dificuldades de aprendizagem, sendo que no primeiro momento era o período de medicalização, onde o sujeito era encaminhado ao médico; e um segundo momento o período de psicologização onde o psicólogo submetia o sujeito a vários testes. Portanto não se chegava a uma explicação clara sobre as dificuldades de aprendizagem do sujeito, a partir de então se fortaleceu a necessidade de formação de um profissional apto a integrar conhecimentos com objetividade nas características preventiva e terapêutica facilitando o vínculo do sujeito com o processo de aprendizagem e o prazer de aprender. Os primeiros Centros Psicopedagógicos surgiram na Europa sob direção médica e pedagógica. Eles tentavam readaptar crianças com comportamentos socialmente inadequados ou com dificuldades de aprendizagem. Renovando o olhar sobre a infância a partir de várias pesquisas na busca de compreender o que é essencial ao homem.

Na literatura francesa – que, como vimos, influencia as idéias sobre Psicopedagogia na Argentina (a qual, por sua vez, influencia a práxis brasileira) – encontra-se, entre outros, os trabalhos de Janine Mery, a psicopedagoga francesa que apresenta algumas considerações sobre o termo Psicopedagogia e sobre a origem dessas idéias na Europa, e os trabalhos de George Mauco, fundador do primeiro centro médico psicopedagógico na França..., onde percebeu as primeiras tentativas de articulação entre Medicina, Psicologia, Psicanálise e pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem (BOSSA, 2000, p.37).

Na Argentina, os estudos deram início há mais de 30 anos. Na Capital Buenos Aires foi oferecido o curso de Psicopedagogia, onde surgiram os Centros de Saúde Mental, com equipes de psicopedagogos fazendo

diagnóstico e tratamento. Perceberam que um ano após o tratamento os pacientes resolveram seus problemas de aprendizagem, mas desenvolveram distúrbios de personalidade como deslocamento de sintoma. Resolveram então incluir “o olhar e a escuta psicopedagógica”, perfil do psicopedagogo argentino, afirma Fernández (1991).

A Psicopedagogia da Argentina tem um caráter diferenciado da Psicopedagogia no Brasil, lá são aplicados testes de uso corrente, considerados de uso exclusivo dos psicólogos, como afirma Bossa (2000):

[...] os instrumentos empregados são mais variados, recorrendo o psicopedagogo argentino, em geral, a provas de inteligência, provas de nível de pensamento; avaliação do nível pedagógico; avaliação perceptomotora; testes projetivos; testes psicomotores; hora do jogo psicopedagógico (BOSSA, 2000, p. 42).

Na década de 60 é que o Brasil percebe as crescentes demonstrações de preocupação sobre as questões a respeito da aprendizagem, o fracasso escolar e a evasão. Na década de 70, as dificuldades de aprendizagem eram associadas a uma disfunção neurológica denominada de Disfunção Cerebral Mínima (DCM) que virou moda neste período, servindo para camuflar problemas sociopedagógicos segundo Bossa (2000). A partir de 1970 é que iniciou cursos de formação de especialistas em Psicopedagogia na Clínica Médica-Pedagógica de Porto Alegre, com a duração de dois anos. Até que nos anos 80 surge a visão do processo de aprendizagem com aspectos sociais e culturais de Visca (1987).

[...] quando se fala de psicopedagogia clínica, se está fazendo referência a um método com o qual se tenta conduzir à aprendizagem e não a uma corrente teórica ou escola. Em concordância com o método clínico podem-se utilizar diferentes enfoques teóricos. O que eu preconizo é o da epistemologia convergente (VISCA, 1987, p. 16).

Com isso Visca (1987) através dos Centros de Estudos Psicopedagógicos (CEPs), instituição dedicada ao atendimento, ensino, pesquisa e publicações psicoeducativas, de acordo com a linha teórica Epistemologia Convergente, integra contribuições de escolas psicanalíticas de epistemologia genética e a psicologia social, no Rio de Janeiro, São Paulo, capital e Campinas, Salvador, e Curitiba. Muitos cursos de Psicopedagogia foram surgindo ao longo do tempo até os dias atuais.

Como entidade sem fins lucrativos e com características científica e cultural a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) congrega profissionais na área da Psicopedagogia. Teve sua fundação a partir de 1980 com a Associação Estadual de Psicopedagogos do Estado de São Paulo (AEP) que era um grupo de profissionais preocupados com os problemas de aprendizagem, por causa da sua grande expansão em 1986 transformou-se na ABPp que cuida das questões referentes à formação, ao perfil, à difusão e ao reconhecimento da Psicopedagogia no Brasil, já alcançou muitas vitórias pela regulamentação da profissão do psicopedagogo.

A ABPp promove conferências, cursos, palestras, jornadas, congressos por todo Brasil para reflexões e trocas de experiências terapêuticas e ações preventivas para melhorar as práticas psicopedagógicas, bem como a divulgação de trabalhos sobre sua área de atuação, através da revista científica *Psicopedagogia* e do site.

1.2 ÁREAS QUE ATUA A PSICOPEDAGOGIA

Com atuação nos campos da Ciência e Educação está a Psicopedagogia relacionada com as questões da aprendizagem humana nos padrões normais ou patológicos e quais influências podem ocorrer pelos meios familiar, escolar e social no desenvolvimento do sujeito. Dispõe de uma série de técnicas e teorias próprias a fim de analisar profundamente cada caso. Possui sua fundamentação teórica na Epistemologia Genética, na Linguística, na Psicanálise e na Psicologia. Seu objeto de estudo é o sujeito através do movimento do seu corpo em relação ao seu mundo interno e externo, com objetivo de envolver a posição do sujeito frente ao conhecimento, para levar à modificação nos processos de pensamentos, sobretudo aos pensamentos envolvidos ao conhecimento. A Psicopedagogia dirige-se a um sujeito aprendente, assim como a Psicanálise dirige-se ao sujeito desejante e a Epistemologia Genética a um sujeito cognoscente (FERNÁNDEZ, 1994). A Psicopedagogia possui uma visão global do sujeito no seu processo de aprendizagem e nas dificuldades que possam ocorrer, porque ele trabalha usando o seu corpo, seu organismo, sua inteligência e seu desejo; numa interação com seu ambiente familiar, escolar e social. A

atuação do psicopedagogo se dá no nível clínico visando intervir nos problemas de aprendizagem que surjam, ou a fim de preveni-los; sendo assim os objetos de trabalho do psicopedagogo são a prevenção, o diagnóstico e a intervenção nos problemas que ocorram durante o processo da aprendizagem do sujeito.

Afirma Fernández (1991):

Nossa teoria é frágil, porém nosso suporte é uma atitude clara e compartilhada e um princípio quase piagetiano: na base de toda cognição está a ação, primeiro material e depois, possível de ser interiorizada (FERNÁNDEZ, 1991, p. 15).

A Psicopedagogia tem se constituído em áreas aplicadas, interdisciplinares e transdisciplinares, integrando e construindo sua síntese a partir das contribuições de várias áreas afins como a Pedagogia, Psicologia, Psicolinguística, Sociologia, Epistemologia Genética, Neurologia e Psicanálise; para ter uma compreensão mais integrada do processo de aprendizagem humana, procurando conhecer o sujeito aprendente e a influência do meio no desenvolvimento desse processo. O profissional psicopedagogo segundo Weiss (2010) atua sabendo que cada tratamento deverá ter atitudes e metodologias específicas na medida em que a problemática do sujeito vai se apresentando. Cada situação é única.

Alícia Fernández busca a compreensão das relações de aprendizagem através da escuta psicopedagógica.

...Escutar não é sinônimo de ficar em silêncio, como olhar não é de ter os olhos abertos. Escutar, receber, aceitar, abrir-se, permitir, impregnar-se. Olhar, seguir, procurar, inclui-se, interessar-se, acompanhar. O escutar e o olhar de terapeuta vai permitir ao paciente falar e ser reconhecido, e ao terapeuta compreender a mensagem (FERNÁNDEZ, 1991, p.131).

Ter a escuta psicopedagógica no trabalho clínico dá ao psicopedagogo a compreensão da relação entre o sujeito, sua história pessoal e sua modalidade de aprendizagem. Seu campo de atuação inclui espaço físico no qual o trabalho é executado e o espaço epistemológico próprio da sua atuação.

1.3 COMO SE DÁ A APRENDIZAGEM NA VISÃO PSICOPEDAGÓGICA

A aprendizagem segundo Fernández (1993) se dá através do processo de construção da interação do sujeito com o meio ao qual está inserido, seja familiar, escolar e social.

Os processos de construção sempre supõem reconstrução; no entanto, o que é que se reconstrói? É preciso reconstruir um saber construído em certo domínio para aplicá-lo a outro; há reconstrução de um saber construído previamente com respeito a um domínio específico para poder adquirir outros conhecimentos do mesmo domínio que, de algum modo, têm sido registrados sem poder ser compreendido; também há reconstrução do conhecimento da língua oral que a criança tem para poder utilizá-lo no domínio da escrita (FERNÁNDEZ, 1993. p. 87.).

No ato de aprender para Fernández (1994) faz-se necessário um aprendiz e um ensinante, que com suas inteligências e desejos constroem um vínculo através da corporeidade e palavra. O ensinante é o que ensina, quer dizer mostra, vem de “insígnia”, ele é o transmissor com significado e o aprendiz é o que olha, o ensinante tem que fazer este interjogo entre mostrar e guardar. Guardar é deixar que o outro pergunte para que encontre suas próprias respostas. O que o ensinante pode fazer é mostrar como fez para chegar a esse conhecimento, transmitir algo dessa experiência, desse processo. Para aprender fazem-se necessários os dois personagens (ensinante e aprendiz) e o vínculo que se estabelece entre ambos.

Quem ensina mostra um signo do que conhece.
Quem aprende toma, agarra esse signo para
construir os próprios (FERNÁNDEZ, 2001, p.78).

De acordo com a Escola de Genebra os fundamentos de Piaget (1993) (Epistemologia Genética), a inteligência é o resultado de uma construção desde o nascimento devido à interação das Pré-condições do sujeito e às circunstâncias do meio social, como se processam as mudanças de linguagem e seu amadurecimento. Acontecem em quatro níveis: A fase sensório-motora que ocorre desde o nascimento até um ano e meio ou dois anos, e as ações não têm representação simbólica, carece da possibilidade de representar para si mesma o ato no pensamento. A fase do pensamento pré-operatório que abrange dos dois aos sete ou oito anos, onde já existe representação mental e desenvolvendo a simbolização. A fase das operações concretas que estende

dos sete ou oito anos aos onze ou doze anos, possui a capacidade de ordenar, dentro de um padrão de qualidade, porque estabelece relações. A fase das operações formais que inicia aos onze ou doze anos e culmina nos quinze anos e se caracteriza por fazer hipóteses a respeito de solução de problemas, raciocínio científico e lógica formal. Pode-se dizer que o pensamento do pré-adolescente tenha alcançado o mais alto nível de construção ao longo de um extenso processo.

Para Morais (2006), a aquisição da alfabetização segue o mesmo processo da aquisição da linguagem (compreensão do significado + compreensão da palavra + expressão da palavra), neste caminho surge à aquisição da palavra impressa, ele afirma ainda que a escrita seja o inverso da leitura. Portanto, quando o sujeito não consegue se alfabetizar há uma falha em algum momento do processo vivenciado, o que constitui um distúrbio de aprendizagem. Morais (2006) ressalta sobre a importância que o professor tem enquanto ensinante, no decorrer do processo de alfabetização, no diagnóstico dos distúrbios, bem como maneiras de solucioná-los. O professor atento possibilita ao processo ensino-aprendizagem o movimento de ir e vir, onde se tornam aprendente e ensinante.

Para Visca (1987), a aprendizagem acontece em quatro níveis: o primeiro nível é a proto-aprendizagem que são as primeiras aprendizagens acontecidas nas relações afetivas do sujeito com a mãe; o segundo nível é a deuteroaprendizagem que trata da concepção de mundo adquirida por meio da família; o terceiro nível é a aprendizagem assistida que se dá pela interação do sujeito com a comunidade; e o quarto nível é a aprendizagem sistemática é aquela que ocorre nas escolas através da transmissão de conhecimentos, atitudes e habilidades que a sociedade espera.

É importante ressaltar que cada nível de aprendizagem ocorre após o outro, mas não elimina o anterior. Visca (1987) completa a evolução nos processos de aprendizagem com a questão dos aspectos estruturais e energéticos (afetividade). Se o sujeito possui um bom vínculo com o objeto da aprendizagem o resultado será bem favorável, caso contrário se o vínculo for inadequado há comprometimento na aprendizagem.

Fonseca (1995) esclarece que a aprendizagem envolve três componentes de processamento: o processamento sensorial que é o contato

com a informação através das vias sensoriais; processamento cognitivo que estabelece os níveis de experiência que acontecem na seguinte ordem: percepção, imagem, simbolização e conceitualização; e por fim, o processamento de conteúdo que exige a utilização dos hemisférios cerebrais, cujos resultados são os produtos do comportamento humano.

Para Weiss (2010), compreender a dificuldade de aprendizagem é entender o sujeito global pelos seus aspectos: orgânico que diz respeito à construção biológica do sujeito, portanto ligada ao corpo; o cognitivo que são as estruturas do pensamento do sujeito; o afetivo que é a sua relação com o aprender, o desejo; o social é a relação do sujeito com a sociedade, com o cultural; o pedagógico se dá na forma da organização escolar. Quando há um não funcionamento ou funcionamento insatisfatório em um dos aspectos é que ocorre a dificuldade de aprendizagem.

O fracasso escolar é considerado, por Weiss (2010), uma resposta insuficiente do sujeito à exigência da escola. Durante o processo de diagnóstico para compreensão do fracasso escolar é preciso considerar estes três aspectos: cognitivo, emocional e pedagógico.

Visca (1987) compreende o processo de aprendizagem na concepção da Epistemologia Convergente, como sendo o resultado de uma construção dada por meio de uma interação que coloca em jogo a pessoa total. Os problemas de aprendizagem recaem sobre a concepção de sintoma, que atrapalha o aprendizado, que são produzidos por uma ou diferentes causas.

Os estados patológicos da aprendizagem, propostos por Visca (1987), tem sua descrição e explicação em três níveis complementares: nível Semiológico é o que fica na superfície, observável por qualquer pessoa, é a aprendizagem assistemática; nível Patológico é caracterizado pelos obstáculos da aprendizagem que são epistêmico (estrutura cognitiva), epistemofílico (conhecimento, afeto, amor), funcional (orgânico, função, capacidade do sujeito, predominância da assimilação ou da acomodação) e o epistemológico (cultural e institucional); e o nível Etiológico é o da causa originária (orgânica e psicológica).

Na compreensão das Modalidades de Aprendizagem ou dificuldade de aprendizagem é necessário entender o processo de adaptação. Conforme Piaget (1971) o processo de adaptação deve cumprir, em equilíbrio, o

movimento de assimilação e acomodação para que aconteça a aprendizagem normal. Sendo que na assimilação o sujeito transforma a realidade para integrá-la às suas ações, e na acomodação o sujeito transforma e coordena seus próprios esquemas a fim de adequá-los à realidade.

Paín (1992) parte do pressuposto de Piaget para afirmar que as dificuldades de aprendizagem podem estar relacionadas à hiperatuação ou hipo-atuação do sujeito, sendo assim, ela descreve: na hiperassimilação os elementos do meio são alterados para serem incorporados ao sujeito, numa aprendizagem sintomatizada pode ocorrer exagero, então o aprendiz não se resigna ao aprender; na hipoacomodação a sintomatização da acomodação sofre resistência em acomodar, ou seja, dificuldade em internalizar os objetos; na hiperacomodação o exagero da internalização leva a pobreza de subjetividade, levando à submissão e obediência acrítica; na hipoassimilação a assimilação é pobre em contato com objeto, de modo a não transformá-lo e não assimilá-lo, apenas acomodá-lo.

Segundo Fernández (2010), a aprendizagem se dá primeiramente com os pais que é a matriz do vínculo a ser fortalecido posteriormente.

A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal; seu desdobramento criativo põe-se em jogo através da articulação inteligência-desejo e do equilíbrio assimilação e acomodação. No humano a aprendizagem funciona como equivalente funcional do instinto. Para dar conta das fraturas no aprender, necessitamos atender aos processos (à dinâmica, ao movimento, às tendências) e não aos resultados ou rendimentos (sejam escolares ou psicométricos) (FERNÁNDEZ, 2010, p.48).

A aprendizagem pode ser vista como algo que deve ser alcançado por todos os sujeitos em desenvolvimento normal, porém no caminho a ser percorrido surgem obstáculos a serem vencidos que são chamados de problemas de aprendizagem e são superados por quem aprende sem sofrimento ou exclusão do processo de aprendizagem, mas nesta relação de aprendiz e ensinante há possibilidades de fratura.

Um instrumento muito importante para o psicopedagogo na realização do seu trabalho é a compreensão do processo de aprendizagem, como ela ocorre em condições normais ou em estado patológico, para promover diferentes formas de aprendizagem com o acompanhamento, intervenções e até encaminhamentos.

CAPÍTULO 2 - ATUAÇÃO DO ESTAGIÁRIO EM PSICOPEDAGOGIA

2.1 METODOLOGIA

É importante apreciar que a Psicopedagogia estuda os processos de aprendizagem humana e as suas dificuldades, com caráter preventivo e terapêutico. Atua nos âmbitos familiar, escolar e social, tornando claras as diferentes etapas do desenvolvimento do sujeito para melhor compreensão e entendimento das características próprias evitando assim atitudes de cobranças indevidas.

O psicopedagogo deve identificar, analisar, planejar, intervir através das etapas de diagnóstico, como diz Weiss (2010),

O atendimento psicopedagógico possibilitará a intervenção e o apoio permanente para possíveis mudanças de conduta do aluno-paciente, dentro do respeito a suas características pessoais. Com a criança ou o adolescente fazemos uma intervenção direta e com a família e a escola realizamos uma troca permanente com a orientação possível (WEISS, 2010, p.194).

Com o trabalho de parceria dos três sistemas básicos que são família, escola e a clínica o sujeito será conduzido de maneira significativa ao crescimento constante, dentro das suas características individuais, no processo de aprendizagem. Segundo Weiss (2010) não importa como será feita a primeira entrevista, o importante dela é tirar todas as informações possíveis para a compreensão e conhecimento do sujeito nas áreas cognitiva, afetivo-social e pedagógica. Serão levantadas hipóteses que nortearão os instrumentos a serem usados; estas hipóteses podem ser confirmadas ou não no decorrer do diagnóstico.

Weiss (2010) afirma que ao terminar as sessões de diagnóstico psicopedagógico, o psicopedagogo tem um esclarecimento global do sujeito e sua contextualização na família, na escola e na sociedade, a compreensão da sua aprendizagem, o que aprendeu e quais suas potencialidades no que pode aprender, o que interfere no seu aprender e quais são suas motivações na busca do conhecimento.

Quanto ao informe psicopedagógico Weiss (2010) é muito clara ao dizer que:

[...] O nível de profundidade do assunto, o resguardo ético da vida do paciente e de sua família devem ser preocupações nesse momento. O laudo ou informe tem como finalidade resumir as conclusões a que se chegou na busca de respostas às perguntas iniciais que motivaram o diagnóstico (WEISS, 2010, p. 145).

Tudo que é bom é estimulante para o aprender, o psicopedagogo com as intervenções busca no desejo remover as causas do não aprender.

2.2 CAMPO DE ESTÁGIO

Foi escolhido para iniciar o diagnóstico psicopedagógico com a investigação de situações da não aprendizagem o Centro Municipal de Atendimento à Diversidade (CEMAD), localizado em um bairro central da cidade de Anápolis, é uma instituição pública municipal que atende pessoas com deficiências e/ou necessidades educacionais especiais, tem como missão desenvolver no indivíduo as suas potencialidades possibilitando sua habilitação no ensino regular. Atua em interface com as Secretarias de Educação, Saúde e Assistência Social e apresenta proposta de atuação de forma articulada com o ensino comum.

O CEMAD é o local onde são assistidos usuários encaminhados pelas diretorias das escolas da Rede Municipal de Educação de Anápolis e regiões. Após ser feita a observação e análise do aluno, sobre a possível causa ou algum tipo de comprometimento, seja na área cognitiva, motora ou fisiológica, a professora registra a queixa que é encaminhada ao CEMAD. Lá os usuários passam por triagem, através da ficha de encaminhamento feita pela escola, em seguida a família conversa com a assistente social que organiza os horários de atendimento e os diferentes profissionais que atuaram com aquele usuário, que são crianças e adolescentes.

2.3 TÉCNICAS

Para Weiss (2010) no período que acontecem os processos de atendimento diagnóstico são realizadas várias atividades onde o psicopedagogo utiliza recursos com o objetivo de identificar a melhor forma de ensinar o aprender e o que está causando o bloqueio. A Psicopedagogia valoriza e dá ênfase ao potencial da aprendizagem do sujeito numa

contraposição da verificação dos déficits, compreende a aprendizagem com uma rede de interações, vínculos, compromissos a fim de garantir o envolvimento do aprendente, da família e da escola.

Os embasamentos teóricos recebidos no transcorrer das aulas, os apontamentos e supervisão da orientadora foram os apoios no decorrer do estágio. As buscas de levantamento de hipóteses provisórias ao longo do processo determinaram o resultado, com a soma das investigações das observações na escola, sala de aula, material escolar, EOCA, Anamnese, Hora do Jogo, Realismo Nominal, Provas Pedagógicas e Provas Projetivas. Ao final de cada atividade proposta aconteceu o retorno a queixa que foi fundamental para se fazer a síntese do que foi investigado. Estas investigações permaneceram durante todo trabalho através de “intervenções” e da “escuta pedagógica” para que se “possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção” (BOSSA, 2000, p 24).

2.4 PROCEDIMENTOS

Procedimento é o caminho traçado que determina a maneira de agir. Para a realização do trabalho de Investigação Psicopedagógica na Clínica de forma correta com a finalidade de se cumprir com objetividade a metodologia estabelecida no primeiro encontro com a orientadora, foi necessário cumprir um cronograma (APÊNDICE A), com local definido para os atendimentos e as datas das sessões. A partir daí as orientações sobre os testes, provas, intervenções, hipóteses, diagnóstico e devolutiva se deram nos momentos de encontros individuais com a supervisora (APÊNDICE B), sendo que as melhores práticas psicopedagógicas foram apontadas para serem aplicadas no sujeito do sintoma de acordo com a queixa sobre as questões da não aprendizagem encaminhada pela escola.

CAPÍTULO 3 – INSTRUMENTOS DE INVESTIGAÇÃO PSICOPEDAGÓGICA E A PESQUISA DE CAMPO

3.1 DIAGNÓSTICO PSICOPEDAGÓGICO

O Diagnóstico Psicopedagógico é um processo que deve acontecer durante todo o tempo da investigação sobre as queixas apresentadas pela escola e família, dando ao profissional psicopedagogo condições de chegar a um grupo de hipóteses acerca do motivo que está criando obstáculo à aprendizagem do sujeito, após ter passado por várias etapas com aplicação de instrumentos de avaliação psicopedagógica, para que o sujeito seja compreendido em sua totalidade, afirma Weiss (2010):

Ao final do diagnóstico psicopedagógico, o terapeuta já deve ter formado uma visão global do paciente e sua contextualização na família, na escola e no meio social em que vive. Deve ter uma compreensão do seu Modelo de aprendizagem, o que já aprendeu, o que pode aprender, o que interfere no aprender do ponto de vista cognitivo e afetivo-social, que recursos possui, se os mobiliza ou não, que direção tomam seus interesses e motivações na busca do conhecimento (WEISS, 2010, p.145).

Então, diagnosticar é entender as queixas para diferenciar sintomas (causa/efeito, suas relações e os aspectos objetivos), o diagnóstico para Weiss (2010) confirma ou não as suspeitas do psicopedagogo referente ao problema da não aprendizagem, nisto indica o tratamento com outros profissionais com Fonoaudiólogo, Psicomotricista, Psicólogo e Neurologista (caso seja necessário avaliação multidisciplinar), intervenção psicopedagógica ou análise do processo educativo (Diagnóstico Institucional).

3.2 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

3.2.1 Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem

Idealizada por Visca (1987) a EOCA (ANEXO A) foi a entrevista usada na primeira sessão diagnóstica, que é um instrumento simples, mas rico em sondagem que investiga o modelo de aprendizagem do sujeito.

Em todo momento, a intenção é permitir ao sujeito construir a entrevista de maneira espontânea, porém dirigida de forma experimental. Interessa observar seus conhecimentos, atitudes, destrezas, mecanismos de defesa, ansiedades, áreas de expressão de conduta, níveis de operatividade, mobilidade horizontal e vertical (VISCA, 1987, apud WEISS, 2010, p.57.).

Para esta entrevista é preparada a caixa lúdica contendo materiais de uso escolar tais como: lápis de escrever, lápis de cor, giz de cera, borracha, apontador, régua, canetinha, cola colorida, tesoura, cola, papel A4 branco e colorido, retalhos de papéis coloridos, revistas, cola branca, tesoura, tinta guache e pincéis. É preciso ter o cuidado para não transformar esta sessão em ambiente escolar, o sujeito vem com uma queixa da escola por causa da sua dificuldade com o aprender referente aos conteúdos escolares.

O trabalho foi iniciado com a explicação do papel do psicopedagogo, o motivo dele estar ali e o que seria trabalhado. R. R. B. não soube dizer o ano e a escola que estuda. A Caixa Lúdica foi apresentada a ele com a seguinte consigna: “Gostaria que mostrasse o que você sabe fazer, o que lhe ensinaram e o que você aprendeu. Você pode usar o material que quiser da caixa e quando o tempo estiver acabando será aviso para que guarde tudo e conte o que você fez.”

Foram feitas as seguintes observações durante o período da sessão diagnóstica: R. R. B. ficou espantado com quantidade de materiais dentro da caixa, só pegou depois de muita insistência, segurou um lápis o tempo todo, organizou tudo em cima da mesa em uma sequência determinada por ele, brincou com o tubo de cola líquida, perguntou baixinho várias vezes: “O que vou fazer?”, perguntou se podia desenhar ou usar a tinta, foi dito que ele podia escolher, ele é destro e usa a ponta dos dedos para segurar o lápis, postura torta para sentar e sempre na ponta da cadeira, reclamou várias vezes de dor (as mais variadas possíveis), usou tinta, retalhos de papéis coloridos, tesoura, cola, organizou os papéis na mesa para depois colar na folha, usou tinta entre os papéis, estava ansioso, no final do tempo guardou os materiais e falou baixinho como se estivesse contando uma história e sorriu, falou que estava com dor e queria sair da sala.

No inventário do desenho após as perguntas pertinentes gemeu muito sem querer falar sobre ele, empurrou a cadeira até ficar mais próximo e disse que gosta de desenhar porque é fácil, foi indagado sobre as cores e formas

que ele fez e primeiro pareceu não entender, foi repetida a pergunta e ele ficou com respostas de interjeições “hum”, “ahm”, “ufa”, e movimentou-se bastante na cadeira, não respondendo com frase.

Analisando as respostas verbais e não-verbais através da EOCA pelo sistema de hipótese (ANEXO B) R. R. B. pareceu não ter tido um objetivo para a execução das consignas, apresentou dificuldade em expressar-se tanto oral quanto no desenho, a produção final também pareceu não ter muito significado para expressão de aprendizagem, R. R. B. parece usar mais a acomodação do que assimilação, ele não dá atribuição simbólica pessoal aos processos de aprendizagem segundo Fernández (1991).

Aspectos a serem observados posteriormente: a manifestação latente em relação a sua ansiedade na sala e sua relação com a dor (onde está/qual é o motivo). Sua postura corporal ao sentar, ao ficar na cadeira, os gestos como se procurasse algo no ambiente.

3.2.2 Anamnese

É a entrevista feita com a família do sujeito, através de um questionário (ANEXO C) para conhecimento da visão histórico familiar e as possibilidades de integração entre passado e presente, Weiss (2010) tem como objetivo colher dados significativos para a compreensão das suas primeiras aprendizagens (proto-aprendizagem), a concepção de vida com a família (deuteroaprendizagem), a interação com a sociedade (aprendizagem assistemática) e o contato com as estruturas de aprendizagem da instituição escolar (aprendizagem sistemática), Visca (1987).

Weiss (2010) afirma que:

Com essa entrevista, tem-se por objetivo colher dados significativos sobre a história de vida do paciente. Da análise do seu conteúdo, obtemos dados para o levantamento de hipóteses sobre a possível etiologia do caso, por isso é necessário que seja bem conduzida e registrada (WEISS,2010, p.63).

A orientação de Weiss (2010) é para que a investigação seja organizada em uma sequência lógica dos assuntos a serem abordados para que o psicodagogo e os pais não se confundam. Deve ser um momento de

seriedade, afeto e de segurança, sendo assim eles revelam fatos que complementam o diagnóstico.

A entrevista da anamnese de R. R. B. foi respondida pela mãe que compareceu prontamente e seus relatos foram de forma espontânea, contou sobre vários fatos e alguns não se lembrou, foi feito então um levantamento dos fatores históricos dos primeiros anos de R.R.B..

No histórico da concepção, gravidez e nascimento relatou que estava casada e que a gravidez não foi planejada, contou ainda do sofrimento com seu pai que é alcoólatra e queira matar ela e o bebê, não quis explicar o motivo. Perguntado sobre o bebê a mãe disse que ele não mexia só tremia um pouquinho e o médico disse que era normal, não investigou. Seu parto foi cesariano, tirou um tempo antes para não entrar em trabalho de parto, o médico deu uma injeção, segundo a mãe para amadurecer o pulmão. Ela não viu o bebê porque ele ficou três dias na incubadora para fortalecer o pulmão. Após este período foi para casa mamou muito bem no seio e não contou nenhum fato relevante. No histórico de doenças segundo a mãe foram apenas as normais que as crianças costumam ter, nunca se hospitalizou e nem teve convulsão.

No histórico familiar foi contado que alguns meses após o nascimento de R. R. B. os pais se separaram porque ele era muito ausente e ela foi morar com a mãe, ela tem outro menino apenas dois anos mais velho. Logo depois ela se casou novamente e teve outro menino que está com um ano e cinco meses. Quase não vê o pai e o padrasto trabalha em outra cidade só vem final de semana, a avó materna mora com eles, contou ainda que R. R. B. não se dá bem com a avó materna, eles brigam muito.

Durante o histórico social a mãe deixou bem claro que R. R. B. só tem amigos na escola, não deixa brincar com vizinhos ou parentes, no convívio familiar só final de semana e com a família do atual marido, justificou ainda dizendo que ele briga e bate nas outras crianças.

Nas suas relações afetivas foi dito que brinca sozinho, nunca chora, não gosta de nada, tanto faz acontecer algo bom ou ruim que ele não se importa, mente, quando sai de casa sozinho ou com o irmão desvia o caminho. A mãe disse que ele não demonstra sentimentos de raiva, piedade, inveja, ciúmes por

nada e ninguém; carinho só por ela. Possui um animal, mas não gosta e quando brinca gosta das crianças da mesma idade e que sejam bem levadas.

Seu histórico escolar se resume na não conclusão do primeiro ciclo que são: primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental, ele está repetindo o segundo ano, tem dificuldades na leitura e escrita e gosta de Matemática, não frequentou a Educação Infantil, nem creche. A mãe relata que ele não fala nada da escola, da professora ou dos colegas, quer ficar o dia todo na escola só para andar lá dentro, R. R. B. só diz que não gosta da escola. Tem dificuldade para levantar cedo, não se alimenta para sair e tem muito sono.

Com a qualidade das informações da entrevista, que foi bem conduzida, é que se têm os dados para o levantamento de hipótese (ANEXO D) sobre a possível causa do não aprender.

3.2.3 Provas Projetivas

Não se pode deixar de usar as provas em um diagnóstico psicopedagógico, para Weiss (2010) elas funcionam como estimuladores para provocar reações nas áreas da imaginação, fantasia e desejo, seu princípio é descobrir como o sujeito percebe, interpreta e estrutura a situação da aprendizagem e do conhecimento.

O que se busca é descobrir como o sujeito usa seus próprios recursos cognitivos a serviço da expressão de suas emoções, ante os estímulos apresentados pelo terapeuta. O fundamental é a “leitura psicopedagógica” dessas situações e produtos, para assim detectar o que está empobrecendo a aprendizagem ou a produção escolar (WEISS, 2010, p.119).

As provas projetivas fazem a relação de como o sujeito está afetivamente no meio escolar e no meio familiar através do desenho, com as consignas de orientação estabelecida.

O grafismo com uso de lápis e papel para se fazer desenhos, é a forma de expressão espontânea na satisfação de desejos em atividades lúdicas. No processo de realização do desenho deve ser observado: posição do corpo, como elabora a figura, o uso de outros materiais escolares (régua, borracha), quantas folhas foram amassadas até ficar pronto, o traçado no papel; no final está representada a expressão do sujeito aprendiz, Fernández (1991).

3.2.3.1 Desenho da figura humana

Foi entregue lápis e papel (ANEXO E), dada a consigna para ser desenhada uma pessoa, rapidamente R. R. B. fez o desenho bem pequeno, no alto da folha e do lado esquerdo dizendo que era “buneco di paião”. No inventário foi registrado que a pessoa é uma prima mais velha, que não sente nada por ela, porém brincam juntos na casa dela. A suposta leitura do desenho foi a seguinte: canto superior esquerdo, tendência regressiva; pequeno, sentimento de inferioridade; omissão de partes importantes como: orelhas, mãos, pés, distúrbio psicológico; pouco inclinado, insegurança.

3.2.3.2 Os quatro momentos do meu dia

Em cima da mesa foi colocada uma caixa com vários materiais escolares: lápis, borracha, lápis de cor, apontador, régua, giz de cera, canetinha; e foi dada uma folha de papel A4 branca (ANEXO F) com a consigna sobre os quatro momentos do dia e pedido para pegar o material e desenhar. Pensou muito e não ficou agitado, perguntou se era para desenhar um jogo de bola, foi repetida a consigna dos momentos do dia. Hesitou em desenhar disse que não faz nada no dia e no inventário R. R. B. disse que não estava bem, gemeu, cochichou com os materiais e disse que no seu dia tem chuva, chuvinha, chuvona, televisão, solzinho e que estava brincando com o irmão mais velho. A suposta leitura do desenho foi a seguinte: inferior da página, tendência depressiva; esboço da televisão, autoconfiança baixa; características faciais omitidas, isolamento; olhos fechados, hostilidade; nariz e boca omitidos, castração, sentimento de culpa; omissão das partes do corpo, distúrbios psicológicos.

3.2.3.3 Eu e minha família

Quando foi proposta a elaboração do desenho (ANEXO G) da família R. R. B. ficou muito agitado dizendo que não queria e que estava sempre sozinho ou com Santo Antônio, jogou as folhas por toda mesa, queria a cor alaranjada (ficou nervoso). Acabou fazendo rapidamente. No inventário falou que o lugar é

uma igreja, mas é uma casa, as pessoas que estão lá fora são os padres, a família não foi e ele estava lá dentro assistindo um filme e que não sabia qual era. Foi percebida a falta do vínculo de R. R. B. com a família para que aprenda e se expresse. É uma criança ansiosa com dificuldade de externalizar sentimentos e de mostrar o que aprende.

3.2.3.4 Meus *cumpleaños*

Após a leitura do livro “Festa de aniversário” foi dado material escolar para que R. R. B. reproduzisse através de desenho um de seus aniversários, o que mais gostou. Desenhou na folha inteira (ANEXO H) pingos representando balões, uma mesa com chocolate por cima e com bolo, a vela era de 22 anos, a mãe estava dormindo no quarto, que não aparece no desenho. Com o questionamento do inventário ele afirmou que nunca teve festa e esta era a vontade dele e convidou muitas pessoas e não foi ninguém, não ganhou presente e estava fazendo 22 anos. A suposta leitura do desenho foi a seguinte: a cabeça pequena, inadequação intelectual; olhos fechados, hostilidade; nariz e boca omissos, sentimento de castração e culpa; braços curtos, sentimento de inadequação e dependência; pescoço omitido, imaturidade.

3.2.3.5 Pareja Educativa

Na possibilidade de interpretar a relação de ensinante e aprendente de Fernández (1991) e as rejeições escolares é que se faz a solicitação com a consigna de desenho de uma pessoa que está aprendendo e outra que está ensinando (ANEXO I) e logo depois formule uma história oral sobre a situação que aconteceu na folha desenhada, a partir daí é que se pode verificar o vínculo do sujeito com o conhecimento.

R. R. B. estava com aparência cansada, desanimado, foi feita a consigna e apresentação da caixa lúdica, ele não se animou. Para que a aprendizagem aconteça é necessário que o aprendente tenha vínculo com o ensinante e esteja aberto a apropriar-se do conhecimento, o que pelo relato oral não pareceu estar acontecendo. A hipótese de leitura é semelhante às

anteriores, mas vale ressaltar que a ausência de olhos em ambos dá conotação de cegueira para o conhecimento, o aprender; a mesa faz a barreira entre os dois, falta de vínculo afetivo; não usa detalhe nenhum, reforçando a ideia de não gostar da escola.

3.2.4 Provas Pedagógicas

Tem a função de verificar como está o domínio do sujeito em relação aos conteúdos escolares, como utiliza este conhecimento nos desafios escolares e sociais e se está acontecendo assimilação e acomodação da aprendizagem, como afirma Weiss (2010):

Como qualquer um dos outros momentos do diagnóstico, a conduta do paciente deve ser vista como uma expressão global em que se está pondo em foco o nível pedagógico, mas estarão juntos o seu funcionamento cognitivo e suas emoções ligadas ao significado dos conteúdos e ações (WEISS, 2010, p.93).

Para a adequação do sujeito à série que estuda é importante definir o nível estrutural da linguagem escrita, segundo Ferreiro (1986), para não agravar as dificuldades frente às exigências escolares e é importante destacar que os conceitos são processos construídos pelo sujeito através da informação recebida do meio, seja escolar, social ou familiar.

3.2.4.1 Leitura e Escrita

Para Ferreiro (1986) leitura e escrita são dois processos paralelos: características do sistema de escrita e função da linguagem em uso, o sujeito elabora a leitura e escrita passando pelas hipóteses do sistema alfabético dando significado a grafema e fonema. Quando acontece o não aprender pode ser por questão orgânica, ou má condução do processo de alfabetização e ainda alguma patologia.

Na escrita espontânea de R. R. B. foi trabalhada cores: primeiro com papéis coloridos (um de cada cor) juntamente com os nomes das cores e foi feita a associação nome = cor, logo após foi entregue um papel com tinta das cores trabalhadas (ANEXO J) para que escrevesse seus nomes e em outra formasse uma frase. Após análise destas atividades foi percebido que R. R. B.

está transitando entre o nível de escrita pré-silábica e o nível de escrita silábica.

Apoiada no inter jogo de mostra/esconde de Ferreiro (1991) foram feitas atividades de ditado (ANEXO K), com continuidade no uso dos nomes das cores, mostrado o nome fez-se a leitura para depois a escrita. O ditado de palavras e frases teve como objetivo verificar a memória auditiva imediata, das dez frases sugeridas por Ferreiro (1991), conseguiu fazer sete (letras com valor sonoro de sílabas). Analisada estas atividades percebeu-se que conhece as letras do alfabeto, já está dando valor sonoro as letras que às vezes representam uma sílaba.

Para o desenvolvimento das atividades de Produção Textual foram usados: primeiro um livro de imagens “Do outro lado da janela”. Foi observado em R. R. B. manteve-se torto na cadeira como sempre e escorregando pelos lados; com o livro nas mãos olhou, passou as folhas, foi indagado sobre as imagens e não quis falar, falou apenas da capa, leu trocando várias letras e com dificuldade de pronunciar as palavras. Segundo foi uma cena em um parque onde crianças brincavam juntas (Anexo I), observou a cena recontou com poucas palavras, escreveu algumas palavras referentes ao desenho, para surpresa R. R. B. continuou a história falando da sua sala de aula e seus colegas numa contratransferência, usando frases curtas, foi o primeiro momento de expressão de sentimento pelos colegas da escola.

3.2.4.2 Realismo Nominal

Ferreiro (1986) orienta sobre a construção e os níveis estruturais da linguagem escrita. Quando o sujeito não consegue entender a palavra e o objeto como realidades parecidas é chamado de Realismo Nominal, significa que ele não entende a escrita como representação. O sujeito começa a superação do Realismo Nominal quando entende a palavra escrita como sinal gráfico.

Após investigação através das atividades relacionadas ao Realismo Nominal (ANEXO M) foi registrado que R. R. B. ainda não superou o Realismo Nominal confirmada então a hipótese que está no nível de escrita pré-silábica, não compreende que a grafia representa sons, objetos e imagens, e às vezes

faz associações desconectadas como falar que o trem é maior porque cabe na sala ou que o frio pode ser medido na parede; R. R. B. faz tentativas de correspondência entre grafema e as sílabas com número arbitrário de letras.

3.2.4.3 Provas de avaliação de conteúdo escolar

A avaliação de conteúdos da matéria de Língua Portuguesa (ANEXO N) como diagnóstico psicopedagógico acontece partindo do princípio de Weiss (2010) de que “é preciso ver falhas no aspecto formal” dos conteúdos diários e não a correção caligráfica ou estrutural da gramática, mas sim o desenvolvimento da linguagem oral e escrita como resultante do ensino escolar.

Portanto, R. R. B. fez várias avaliações de interpretação, leitura e escrita associadas aos conteúdos pertinentes a série que estuda como: sílaba (ordenação, separação, correspondência), nomeação de figuras, complementação de palavras e frases. E a execução delas se deu a partir da leitura já feita, não leu sozinho.

Na realização das atividades R. R. B. revelou obstáculo epistemofílico e epistêmico com predominância de acomodação e não de assimilação, há grande dificuldade em compreender os enunciados citados, em realizar tarefa simples como marcar um X na resposta certa. Não há vínculo do sujeito com a escrita, observou-se também a falta de concentração e o prazer de ler e escrever.

A avaliação de conteúdos da matéria de Matemática (ANEXO O) como diagnóstico psicopedagógico acontece nos aspectos de raciocínio, cálculo e resolução de problemas. Foram selecionados problemas com números na casa das unidades e com fatos de adição e subtração, ele não conseguiu interpretar e usou os dedos para a contagem. Conseguiu completar a sequência lógica dos números de um até nove, para continuar até trinta precisou consultar uma tabela com a escrita dos números. Na resolução do problema de combinatória R. R. B. compreendeu, respondeu e construiu com agilidade e segurança. Relaciona o gráfico a quantidade encontra-se no nível pré-operatório.

3.2.4.4 Hora do jogo

Durante o jogo Chamat (2004) pressupõe a interação entre sujeito e objeto num espaço de confiança e criatividade, capaz de recuperar o prazer em aprender. É uma atividade lúdica que integra a imitação e a linguagem utilizando códigos e símbolos que fazem parte do conhecimento. Na preparação da Hora do jogo o psicopedagogo deve cuidar do inventário (as possibilidades de ação), organização (jogo em ação) e a integração (é a aprendizagem). O sujeito com alguma dificuldade de aprendizagem apresenta problema em alguma dessas etapas.

As respostas dos dados conseguidos na realização dos jogos foram: no Jogo de Dominó ele se envolveu mostrando agilidade, percepção e concentração na execução, porém não houve diálogo, sempre calado. No Jogo de pega Varetas jogou bem, mas não conseguiu retirar as varas mais emboladas e não demonstrou frustração e não conseguiu fazer a contagem da sua pontuação, misturou as varas dos dois jogadores, foi percebido que não sabe lidar com as perdas, porém age com indiferença. Caixa lúdica do alfabeto, R. R. B. mexeu muito com seu corpo (sentado na cadeira) e na caixa, jogou as peças no chão, montou sílabas aleatórias, não concluiu os objetivos propostos então não aconteceu aprendizagem. Apresentou dificuldade neste jogo por causa da sua dificuldade com os conteúdos escolares.

O observado foi que R. R. B. não constrói história com o aprendizado, tem dificuldade em argumentar, não se importa com o objeto do conhecimento, portanto não desenvolve os elementos do aprender escolar.

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS FINAIS E DISCUSSÃO

4.1 INFORME PSICOPEDAGÓGICO

4.1.1 Dados Pessoais

Nome do aprendente (só iniciais): R. R. B.

Data de Nascimento: 24/03/2003 Idade (na avaliação): 8 anos e 11 meses

Escola (só iniciais): E. M. A. S. D. S.

4.1.2 Motivo do Encaminhamento

A escola encaminhou R. R. B. para o CEMAD com a seguinte justificativa: aluno repetente no 2º ano do Ensino Fundamental com Dificuldade de Aprendizagem.

4.1.3 Tempo de Investigação

Com uma sessão semanal, o tempo de investigação psicopedagógica aconteceu no período de 13 de fevereiro de 2012 à 11 de maio de 2012.

4.1.4 Instrumentos Usados

Para a investigação das possíveis causas da não aprendizagem de R. R. B. foram usados os seguintes instrumentos psicopedagógicos: EOCA, Anamnese, Provas Projetivas (Desenhos: da figura humana, os quatro momentos do meu dia, eu e minha família, meus *cumpleaños* e pareja educativa), Provas Pedagógicas (leitura e escrita, realismo nominal, prova avaliativa de conteúdo escolar – Português e Matemática) e Hora do Jogo.

4.1.5 Síntese dos Resultados – Hipótese Diagnóstica

Encaminhado com a queixa de problemas na aprendizagem R. R. B., através das sessões semanais, foi avaliado com os testes e provas psicopedagógicas, e ficou concluído que se encontra no nível Patogênico do Nosográfico de Jorge Visca com obstáculos na modalidade de aprendizagem hiperassimilativa/hipoacomodativa. E como hipótese de escrita passa pelos níveis estruturais da linguagem do pré-silábico para o silábico. Tomando como

base a linha interpretativa psicopedagógica do “mostrar-olhar” de Fernández (1994) R. R. B. como aprendiz possui o vínculo perverso.

4.1.6 Encaminhamento (recomendações e indicações)

É recomendada a continuidade das intervenções com psicopedagogo, sendo ele articulador das superações nas dificuldades em aprender, é sugerida ainda a continuidade do acompanhamento da equipe multidisciplinar que R. R. B. recebe como usuário no CEMAD, o qual foi encaminhado pela escola.

CONCLUSÃO

Concluo que os passos delimitados nesta caminhada de estudo e prática foram alcançados, pois tive a oportunidade de me aprofundar em leituras e estudos acerca da teoria psicopedagógica e executá-la praticando atendimento e intervenções no sujeito cognoscente que é o objeto da Psicopedagogia com a utilização dos instrumentos pertinentes a esta nova Ciência da Educação, que são capazes de diagnosticar, partindo da queixa, as possíveis causas da não aprendizagem.

Para a realização deste trabalho, foram utilizadas as técnicas psicopedagógicas para acompanhamento nas diferentes situações do processo de construção dos mecanismos de superação das dificuldades de aprendizagem do sujeito. Estes instrumentos possibilitaram o entendimento do significado e qual o desejo que o sujeito tem em aprender, R.R.B. respondeu positivamente às informações recebidas no meio multidisciplinar que está participando, numa inter-relação dialética como afirma Fernández (1991) “... o desejo de saber faz um par dialético com o desejo de não saber.”

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, L. M. S. **A História da Psicopedagogia**, contou também com Visca, in *Psicopedagogia e Aprendizagem. Coletânea de Reflexões*. Curitiba, 2002.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.
- CHAMAT, L. S. J. **Técnicas de Diagnóstico Psicopedagógico: O diagnóstico clínico na abordagem interacionista**. 1:ed, São Paulo: Vetor, 2004.
- FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada** / Tradução: Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- _____. **A mulher escondida na professora: uma leitura psicopedagógica da mulher, da corporeidade e da aprendizagem** / Tradução: Neusa Kern Hickel. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- _____. **Com todas as letras** / Tradução: Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRO, E. e T.,A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FONSECA, V. **Educação Especial**. Programa de Estimulação Precoce: uma introdução às idéias de Feurstein. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- MORAIS, A. M. P. de. **Distúrbio da Aprendizagem: uma abordagem Psicopedagógica**. 12:ed, São Paulo: Ed Edicon, 2006.
- PAIN, S. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas da Aprendizagem**. 4:ed, Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- PIAGET, J. **A Psicologia da Criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- VISCA, J. **Clínica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia Clínica** – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13: ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

APÊNDICES

Quadro 1 – Cronograma de Atendimentos da Estagiária nas Atividades de Campo

Horário	Dia da semana	Dia do mês	Local
14hs às 14hs 50min	quarta-feira	01/02/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	06/02/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	sexta-feira	10/02/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	13/02/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	27/02/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	05/03/12	CEMAD
8hs 35m às 10hs 05m	sexta-feira	09/03/12	C. M. A. S. DA S.
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	19/03/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	26/03/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	sexta-feira	30/03/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	09/04/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	16/04/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	quarta-feira	02/05/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	segunda-feira	07/05/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	quarta-feira	09/05/12	CEMAD
14hs às 14hs 50min	sexta-feira	11/05/12	CEMAD

Fonte: A autora, 2012.

Quadro 2 – Cronograma de Encontros da Estagiária com a Orientadora

DATA		LOCAL
25/02/2012	Acompanhamento, orientação e supervisão do estágio	Sala de aula na: Faculdade Católica de Anápolis
10/03/2012		
14/04/2012		
30/06/2012		
04/08/2012		
27/10/2012		

Fonte: A autora, 2012.

ANEXO A - EOCA

ANEXO B – Sistema de Hipótese

Aprendente (iniciais): _____ Idade _____ Ano _____

1º SISTEMA DE HIPÓTESES

DIMENSÕES COGNITIVA/AFETIVA/FUNCIONAL/CULTURAL	LINHA DE PESQUISA

DATA: _____

ASSINATURA (ESTAGIÁRIO): _____

ANEXO C - Anamnese**A – IDENTIFICAÇÃO**

Nome:

Sexo: _____ Data do nascimento: _____ Local: _____

Endereço:

Telefone: _____ celular: pai _____ mãe: _____

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____ Turno: _____

B – CONSTELAÇÃO FAMILIAR

Pai:

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____

Se mora separado da família, endereço: _____

_____ telefone: _____

Mãe: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____

Se mora separada da família, endereço: _____

_____ telefone: _____

B.1. Responsável

Nome:

Grau de parentesco: _____ idade: _____

Profissão: _____ Escolaridade: _____

B.2. Irmãos (citar idade, sexo, escolaridade)

B.3. Parentesco

Há parentesco entre os pais? _____ Qual o grau? _____

Pais são: () casados () separados

Pai ausente () motivo _____

Mãe ausente () motivo _____

Pais adotivos () Que idade tinha a criança quando assumiram a guarda?

Qual (ais) o(s) motivo(s) que levaram a adotar uma criança? _____

A condição de filho(a) adotado(a) é sabida pela criança? () sim () não

(sim) Desde quando tomou conhecimento? _____

Qual foi a reação? _____

Se não, qual (ais) o(s) motivo(s) que impede(m) de tomar conhecimento?

C - CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO (especificar época dos itens assimilados)

Gravidez planejada sim () não () _____

C.1. Houve:

queda sim () não () _____

ameaça de aborto sim () não () _____

alguma doença sim () não () _____

uso de medicamentos sim () não () _____

raio X sim () não () _____

C.2. Evolução da gravidez:

Visitas periódicas (mensais) ao médico (pré-natal) sim () não ()

Fez ultra-sonografia? sim () não () Por quê? _____

Adquiriu muitos quilos? sim () não () Quantos? _____

Fumava? sim () não () Quantos cigarros? _____

Bebida alcoólica? sim () não () Quantos copos? _____

O bebê mexia muito? sim () Quando? _____

Como?

não () Por quê? _____

D – CONDIÇÕES DO PARTO

() Prematuro; () Com os nove meses completos; () Bolsa estourou em casa.

Nasceu em casa. () Quem fez? _____

Ao nascer, a criança chorou logo? sim () não () Por quê? _____

No hospital. ()

Parto: normal (), cesariana (), demorado (), rápido (), forçado (), com fórceps ().

Ao nascer, a criança chorou logo? sim () não () Por quê? _____

E – CONDIÇÕES DO NASCIMENTO

Chorou: sim () não ().

Cianose (pele azulada/roxa): sim () não ().

Icterícia: sim () não ().

Convulsão: sim () não ().

Outras dificuldades ocorridas ao nascer: _____

F – ALIMENTAÇÃO

Depois de quantas horas de nascido chegou para mamar a primeira vez?
_____ horas.

Dificuldades para sugar o bico do seio? sim () não ()

Rejeição ao bico? sim () não ()

Rejeição ao leite? sim () não ()

Sugou muito forte? sim () não ()

Sugou com dificuldade? sim () não ()

Adormecia ao seio? sim () não ()

Às vezes não mamava, fazia do bico do seio como se fosse chupeta? sim ()
não ()

Mamava com exagero? sim () não ()

Mamava de madrugada? sim () não () Até _____ meses.

Fazia vômitos? sim () não ()

Prisão de ventre? sim () não () Muita? sim () não ()

Mamou durante quanto tempo? _____

Quando começou a comer comidas pastosas? _____ E sucos?

Quando começou a comer comida de sal? _____

Que tipo de comida? _____ Era inteira. () Era
amassada. ()

Era amassada por quê? _____

Durante quanto tempo? _____

Qual foi a reação ao receber este novo tipo de alimento? _____

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio?

Caso não tenha amamentado (a) no seio, por quê?

O que tentou fazer até chegar, realmente, a dar o alimento através de mamadeira?

Aconselhada por quem? _____

G – DESENVOLVIMENTO (REPONDER EM MESES OU IDADE-ANOS)

Comportamento: muito quieto () agitado () choro frequente () calmo ()

Firmou a cabeça com ____ meses.

Engatinhou aos ____ meses.

O 1º dentinho com ____ meses. Babou até ____ meses.

Regurgitava? _____ Quando? _____

Sentou-se aos _____ meses.

Andou aos _____ meses.

Falou aos _____ meses.

Controle das fezes aos _____.

Controle da urina durante o dia aos _____.

Controle da urina à noite aos _____.

Mão que começou a usar com mais frequência: direita () esquerda ()

Possíveis (primeiras) palavras (lembradas): _____

Deficiência na fala: sim () não ()

Quais? _____

Convulsões, com febre: sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto? _____

Convulsões, sem febre: sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Doenças?

Quais?

Internações? sim () não ()

Quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança? Quem? Quando? Por quê?

H - SONO

Tranquilo (), agitado (), difícil (), com interrupções (), mexe muito (),
resmunga (), range os dentes (), fala (), grita (), conversa (),
chora (), ri ().

Sonambulismo: sim () não ().

Tem pesadelos: constantes () pouco ().

Dorme no quarto com os pais: sim () não ().

Precisa de companhia até pegar no sono: sim () não ().

Levanta-se à noite e passa para a cama dos pais ou irmãos: sim () não ().

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto: sim () não ().

I - MANIPULAÇÕES

Usou chupeta: sim () não (). Tempo: _____

Chupou ou chupa o dedo: sim () não (). Tempo: _____

Roeu ou rói unhas: sim () não (). Quando: _____

Arranca cabelos: sim () não (). Quando: _____

Morde os lábios: sim () não (). Quando: _____

Pisca o(s) olho(s) (num gesto de tique): sim () não (). Quando: _____

Quais atitudes tomadas diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

J- SEXUALIDADE

A curiosidade foi despertada? () Com que idade? _____

Masturbação: sim () não () Com que idade? _____

Local: quarto (), banheiro (), qualquer local: _____

Quando percebeu este comportamento? _____

Já envolveu em jogos sexuais? sim () não (), sozinha (), com outras crianças ().

Quando? (Descreva a situação). _____

L- SOCIABILIDADE

Quando bebê, ia facilmente com outras pessoas? sim () não ()

Prefere(ria) brincar sozinho? sim () não ()

Com frequência larga(va) os seus brinquedos para brincar com os dos outros?

sim () não ()

Socializa(va) os seus brinquedos? sim () não ()

Aceita(va) outras crianças brincando com seus brinquedos? sim () não ()

Mesmo brincando com os brinquedos do outro? _____

Recebe(ia) com frequência a visita de amigos? sim () não ()

Visita(va) com frequência a casa de amigos? sim () não ()

Aceitava que outras crianças assentassem no colo de pessoas próximas como: mãe, pai, avó, babá? sim () não ()

Adaptava-se a outros lugares e com outras crianças? sim () não ()

Faz amigos facilmente? sim () não ()

Tem amigos? sim () não ()

Conserva as amizades? sim () não ()

I.1. Atualmente como se dá a socialização dele(a) na escola, na família e em outros ambientes? Gosta de sair, ir ao shopping, em festas, clubes, enfim de conviver com outras pessoas e outros ambientes? _____

I.2. Descreva um dia (de segunda a sábado, quando os adultos estão trabalhando) de seu (sua) filho(a): (continue sendo fiel às informações)

I.3. Descreva um dia de seu (sua) filho (a) com um colega: _____

I.4. Descreva um domingo de seu (sua) filho (a): _____

M – RELAÇÕES AFETIVAS

M.1. Descreva quando ocorre e torna-se incômodo

Choro:

Mentiras:

Fantasia:

Emoções:

M.2. Quando ocorrem demonstrações de

Carinho – Com quem? _____

Piedade – De quem? _____

Raiva/ódio – De quem? _____

Ciúmes – De quem? _____

Inveja – De quem? _____

Amizade – Com quem? _____

M.3. Prefere amigos: mais velhos (), mais novos (), mesma idade ().

Como são as brincadeiras e as relações afetivas com os amigos

(alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros...)

Mais velhos: _____

Mais novos: _____

Mesma idade: _____

M.4. E quanto aos animais, possui algum? Qual? Como é? _____

N – ESCOLARIDADE

Frequentou creche? sim () não ()

Frequentou maternal? sim () não ()

Frequentou Pré-escola? sim () não ()

Mudou de escola? sim () não ()

Vai bem na escola? sim () não ()

Gosta da escola? sim () não () às vezes ()

Recebe ajuda para fazer as tarefas? sim () não ()

Os pais ou outra pessoa estuda com a criança ou adolescente? sim () não ()

Quem? _____

Procura estar em destaque na sala de aula? não () sim ()

Quando? _____

Gosta do (a) professor(a)? sim () Por quê? _____

Não () Por quê? _____

N.1. Se for o primeiro ano neste colégio, procure resumir como foi a primeira semana:

N.2. No momento como ele(a) se encontra na escola, em relação

Ao colégio: _____

Aos colegas: _____

Aos professores: _____

Às matérias: _____

A si mesmo: _____

N.3. No momento como ele(a) se encontra na família, em relação

Ao pai: _____

À mãe: _____

Aos irmãos: _____

O – DOS ADJETIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU (SUA) FILHO (A)?

Atento ()	Lento ()	Persistente ()	Criativo ()
Observador ()	Cruel ()	Crítico ()	Agressivo ()
Descuidado ()	Sociável ()	Curioso ()	Mimado ()
Cauteloso ()	Sensível ()	Desinteressado()	Inseguro ()
Cuidadoso ()	Rápido ()	Inquieto ()	Carinhoso ()
Impetuoso ()	Ativo ()	Introspectivo ()	Chorão ()
Indiferente ()	Participativo ()	Teimoso ()	Independente ()
Preocupado ()	Interessado ()	Submisso ()	Dissimulado ()
Asseado ()	Esperto ()	Mandão ()	Organizado ()

P – OBSERVAÇÕES

Data: ____ / ____ / ____

ANEXO D – Sistema de Hipóteses

Aprendente (iniciais): _____ Idade _____ Ano _____

2º SISTEMA DE HIPÓTESES

DIMENSÕES COGNITIVA/AFETIVA/FUNCIONAL/CULTURAL	ANAMNESE

DATA: _____

ASSINATURA (ESTAGIÁRIO): _____

ANEXO E – Desenho da Figura Humana

ANEXO F – Os Quatro Momentos do Meu Dia

ANEXO G – Eu e Minha Família

ANEXO H – Meus Cumpleaños

ANEXO I – Pareja Educativa

ANEXO J – Escrita Espontânea

ANEXO K – Escrita: Ditado de palavras (Emília Ferreiro)

Pedir que a criança escreva as palavras que serão ditadas da forma que souber.

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

Repetição de sentenças:

Ler cada item para a criança e pedir que repita. Caso ela solicite que você leia novamente a frase, você poderá fazê-lo. Anotar as alterações feitas pela criança quando acontecerem.

1. Caiu!

2. Papai chegou.

3. Ela saiu ontem.

4. Eles gostam de sorvete.

5. Nós vamos andar de bicicleta.

6. Eu fiz bolo para a professora.

7. José está doente desde a semana passada.

8.Meus amigos correram, correram até chegarem ao esconderijo.

9.Os irmãos pequenos de Geraldo gostam muito de amendoim.

10.Carla foi a cidade comprar uma bonita blusa de festa.

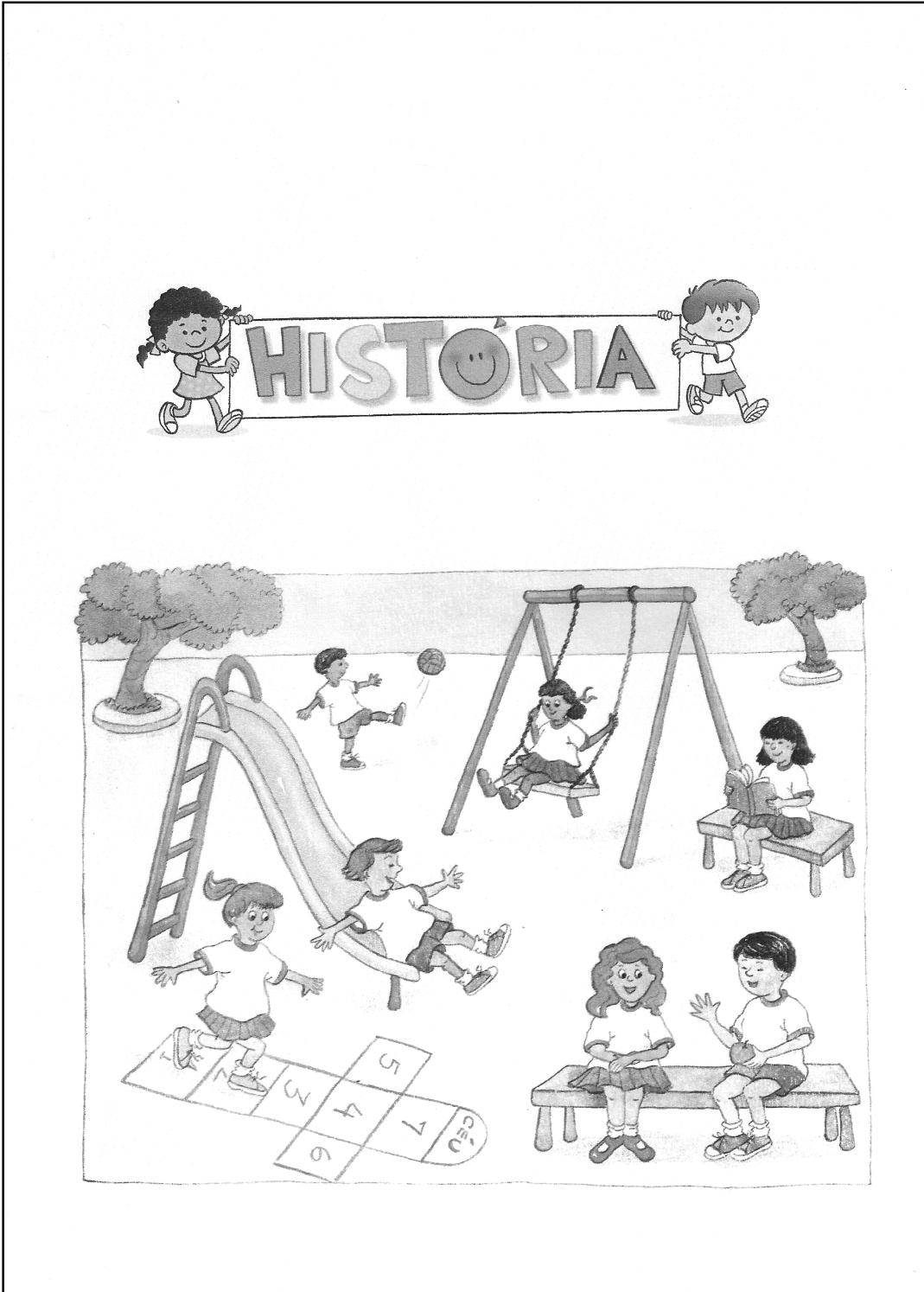
11.O trânsito estava tão violento que um automóvel bateu numa árvore.

12.Escorriam lágrimas dos olhos de Martinha enquanto ela ouvia aquela triste melodia.

13.As crianças subiram na árvore, colheram as frutas e fizeram um delicioso suco.

Objetivo: Verificar memória auditiva imediata.

ANEXO L – Produção de Texto



ANEXO M – Realismo Nominal

Nome: _____ Idade: _____ Data: _____

1. Diga uma palavra grande: _____

Por que? _____

2. Diga uma palavra pequena: _____

Por que? _____

3. Qual é a palavra maior ARANHA ou BOI? _____

Por que? _____

4. Qual é a palavra maior TREM ou TELEFONE? _____

Por que? _____

5. Diga uma palavra parecida com a palavra BOLA: _____

Por que? _____

6. Diga uma palavra parecida com a palavra CADEIRA: _____

Por que? _____

7. As palavras BALEIA e BALA são parecidas? _____

Por que? _____

8. Diante de duas cartelas onde estão escritas as palavras

MESA e CADEIRA, pedir à criança que mostre:

Onde está escrito CADEIRA? () acertou () errou

Como você sabe? _____

9. Diante de três cartelas onde estão escritas as palavras

BODE, BOLA E CABRA

O psicopedagogo chama a atenção da criança para a semelhança visual entre as primeiras duas palavras e pergunta:

A palavra parecida com BODE é: BOLA ou CABRA? () acertou () errou

Como você sabe? _____

10. Diante do par de palavras BOI e ARANHA o psicopedagogo diz:

Nestes cartões estão escritas duas palavras: BOI e ARANHA.

Onde você acha que está escrito ARANHA? () acertou () errou

E BOI? () acertou () errou

11. Diante do par de palavras PÉ e DEDO o psicopedagogo fala:

Nestes cartões estão escritas duas palavras: PÉ e DEDO.

Onde você acha que está escrito DEDO? () acertou () errou

Por que? _____

ANEXO N – Provas Pedagógicas de Língua Portuguesa

A fada

Fafá é uma fada.
 Fafá tem um cão. É o Fubá.
 Fafá cuida de Fubá.
 Fubá é fofo.



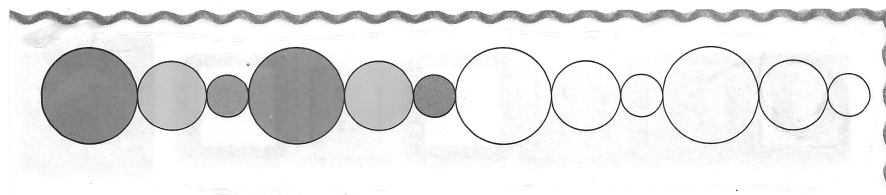
a) Escreva o nome dos personagens:



b) Faça um X nas frases que estão de acordo com o texto:

- Fubá cuida de Fafá.
 Fubá é fofo.
 Fafá é uma fada.

c) Invente outro nome para a fada e outro para o cão:



Substitua os símbolos pelas sílabas correspondentes:

☆ fra ■ gri ● gre

☆ co

● ve

■ to

■ lo

☆ de

se ● do

ti ●

■ nalda

☆ se

Acrescente r e escreva outras palavras.
Veja o modelo:

pego **prego**

gato _____

tato _____

bota _____

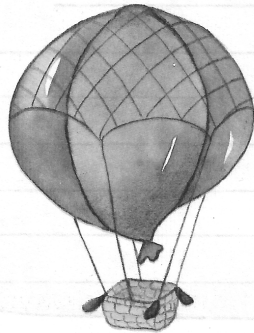
pato _____

dama _____

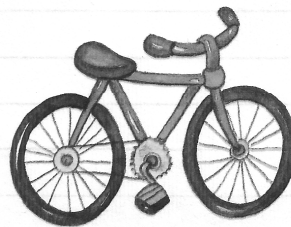
gude _____

fita _____

Com **ba, be, bi, bo, bu** descobrimos outras palavras. Complete:



_____ cão



_____ bicicleta



_____ neca





- Escreva as sílabas.

ma me mi mo mu

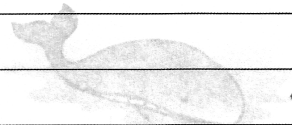
Ma Me Mi Mo Mu

- 1 Você conhece meninos e meninas que têm o nome iniciado com a letra m? Escreva-os.

Meninos: _____



Meninas: _____



- 2 Copie as palavras com letra manuscrita.

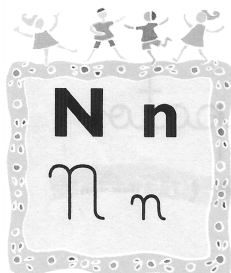
mamãe: _____ mina: _____

melão: _____ mamão: _____

mula: _____ melado: _____

mole: _____ mulato: _____

mico: _____ macaca: _____



● Escreva as sílabas.

na ne ni no nu

Na Ne Ni No Nu



1 Descubra palavras escondidas em outras e complete as frases.

canela → _____

bananada → _____

A bananada é feita de _____.

O menino derubou o bolo de _____,
_____, mas não aconteceu _____.



2 Reescreva as frases e responda-as.

Você se preocupa com a natureza?

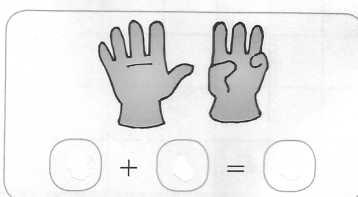
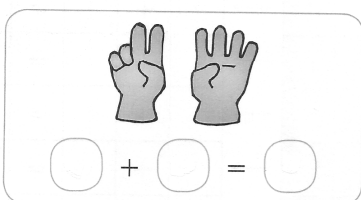
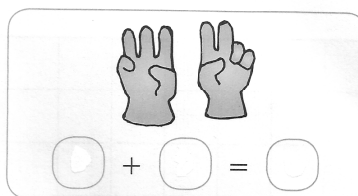
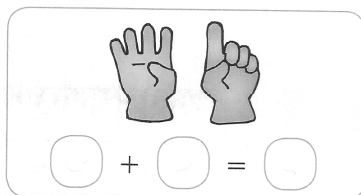
Você quer bananada com canela?

ANEXO O – Provas Pedagógicas de Matemática

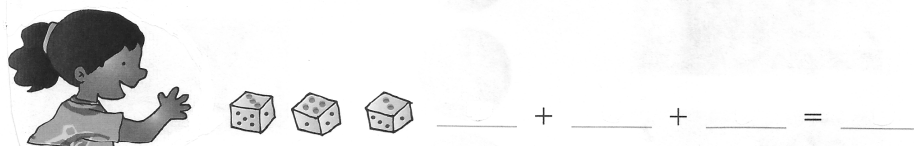
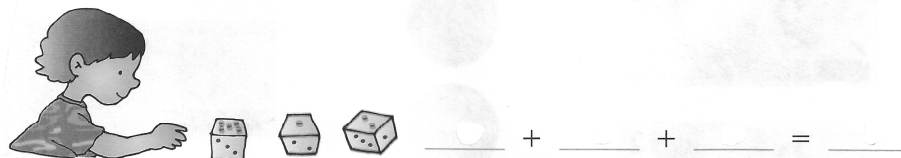
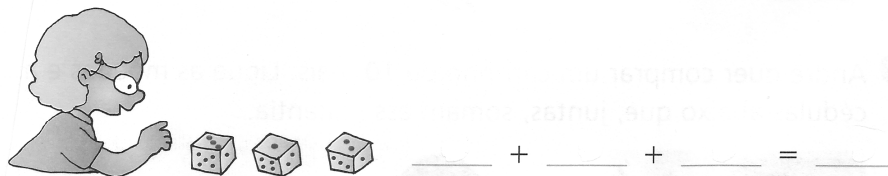
Também podemos representar os números com os dedos das mãos.



Escreva o número correspondente aos dedos levantados em cada mão e complete com o total.



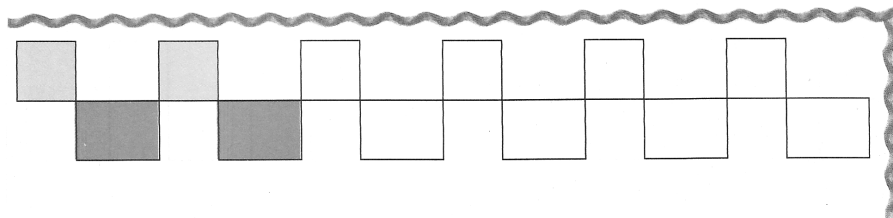
A turma da Antônia está jogando dados. Escreva os pontos e calcule o total de cada um.



Circule a criança que fez mais pontos.

Retire as peças do dominó, do **Encarte** e cole-as ao lado da peça que representa o resultado da operação. Siga a regra do jogo de dominó.

1	$3 + 4$
---	---------



3

 $2+2$

5

 $5+1$

4

 $2+3$

7

 $2+1$

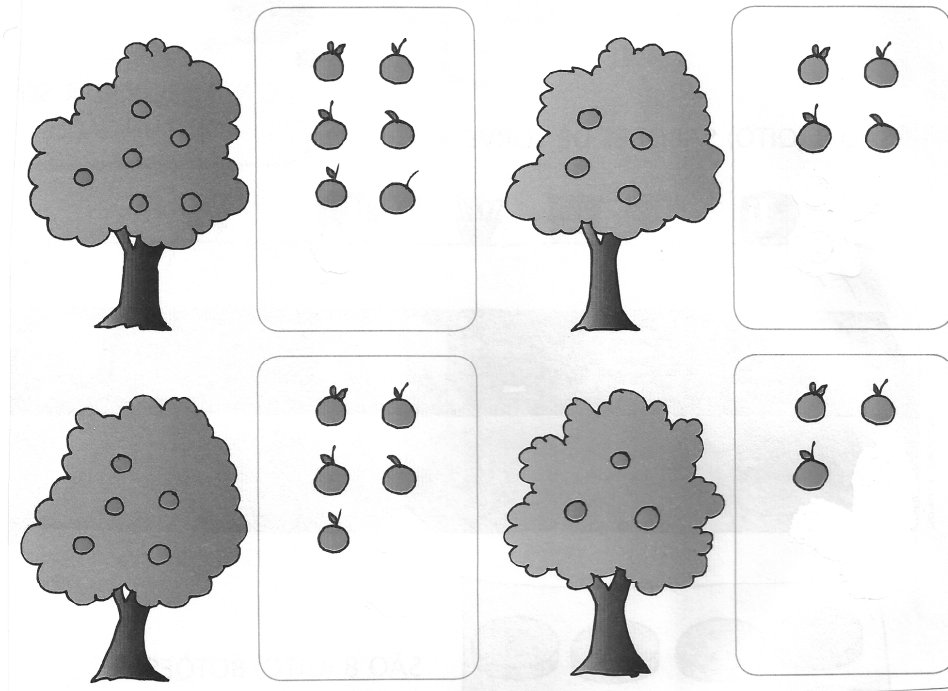
6

 $1+1$

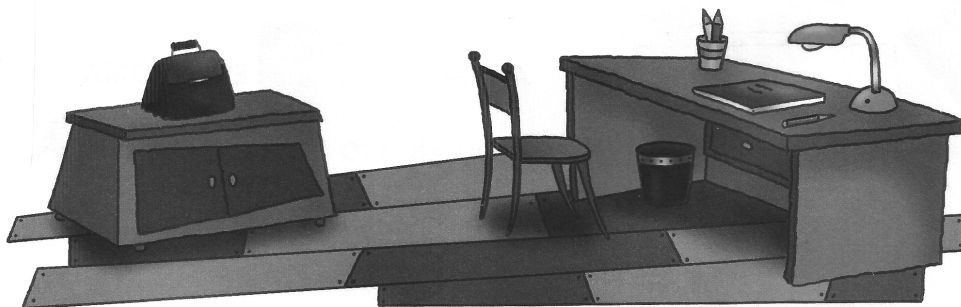
2

 $5+2$

DESENHE AS FRUTAS QUE FALTAM PARA COMPLETAR 7 (SETE).



ESTE É O ESCRITÓRIO DE FRANCISCO.



A) A MALA ESTÁ:

EM CIMA DO ARMÁRIO

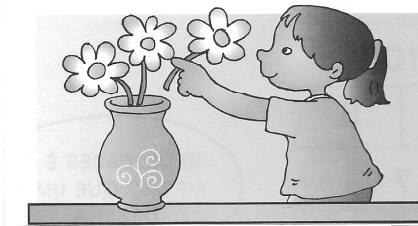
EMBAIXO DO ARMÁRIO

B) O CESTO DE LIXO ESTÁ:

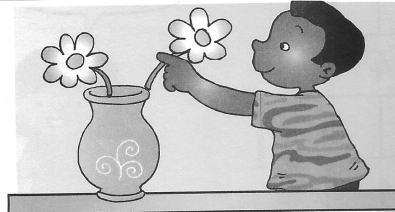
EMBAIXO DA MESA

EM CIMA DA MESA

NO VASO HAVIA 3 (TRÊS) FLORES.



ALICE RETIROU 1 (UMA) FLOR.
QUANTAS FICARAM? _____

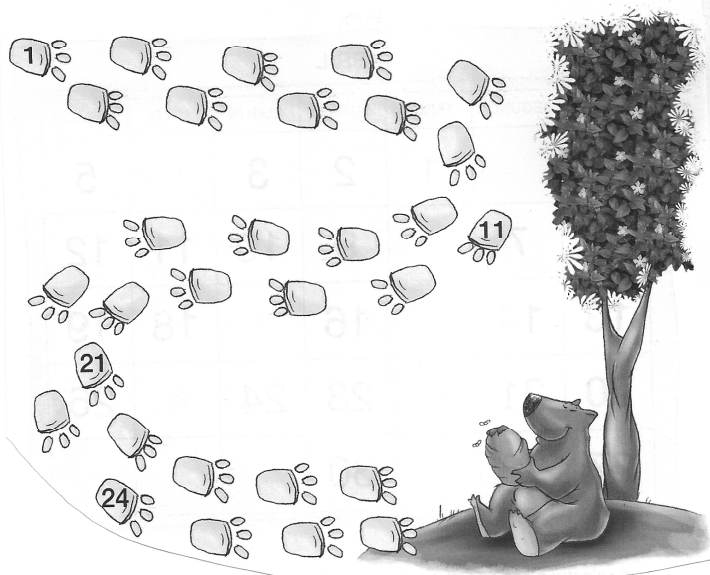


BRUNO RETIROU 1 (UMA) FLOR.
QUANTAS FICARAM? _____



JÚLIA RETIROU 1 (UMA) FLOR.
QUANTAS FICARAM? _____

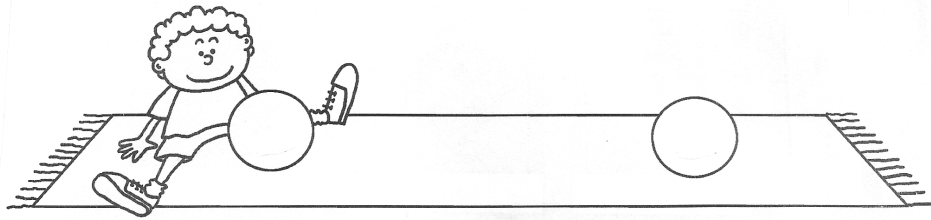
DESCUBRA QUANTAS PEGADAS O URSO DEIXOU
ATÉ CHEGAR AO LUGAR DESEJADO.



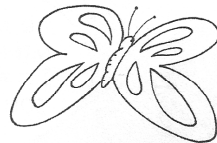
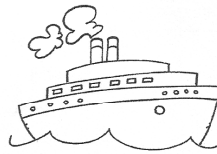
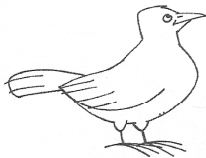
PARA CONSULTAR

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27	28	29	30

PINTE DE AZUL A BOLA QUE ESTÁ MAIS PERTO DO MENINO.
PINTE DE VERDE A BOLA QUE ESTÁ MAIS LONGE DO MENINO.



PINTE APENAS AS FIGURAS QUE ESTÃO ACIMA DA LINHA.

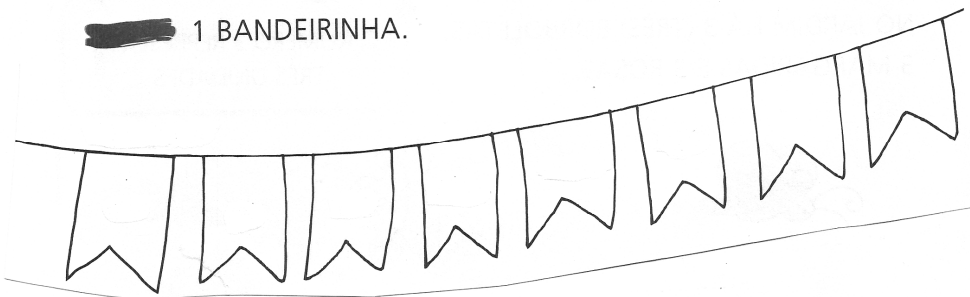


PINTE DE:

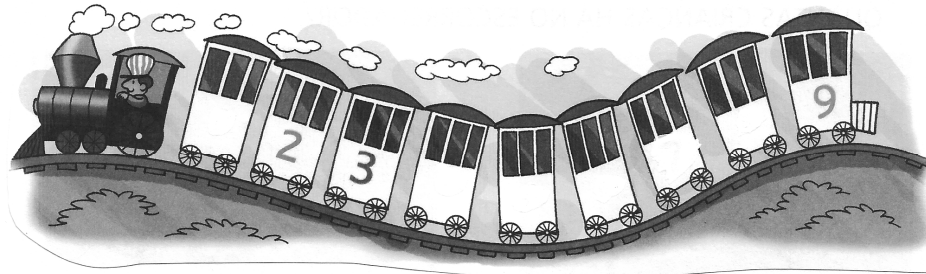
 3 BANDEIRINHAS.

 2 BANDEIRINHAS.

 1 BANDEIRINHA.



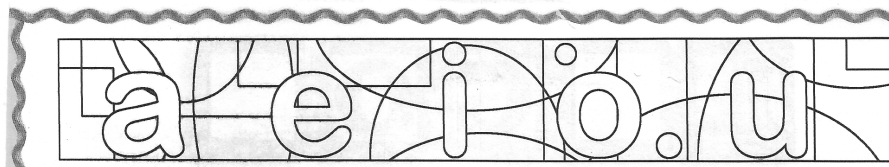
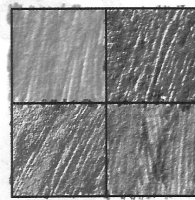
ESCREVA OS NÚMEROS QUE ESTÃO FALTANDO PARA COMPLETAR A SEQUÊNCIA.





PINTE CADA ESPAÇO DA FIGURA UTILIZANDO 4 CORES DIFERENTES.

ATENÇÃO: CORES IGUAIS NÃO PODEM FICAR ENCOSTADAS UMA NA OUTRA. VEJA O EXEMPLO:

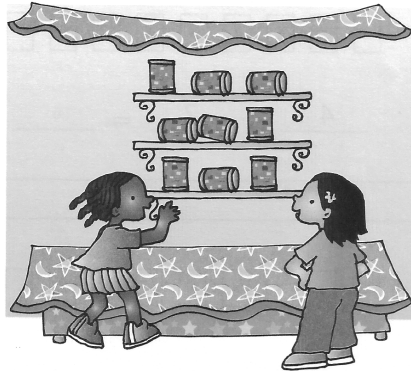
ASSIM PODE:



 e  estão no parque de diversões.

Flávia

Rita



Flávia jogou três bolas.



Rita jogou três bolas.

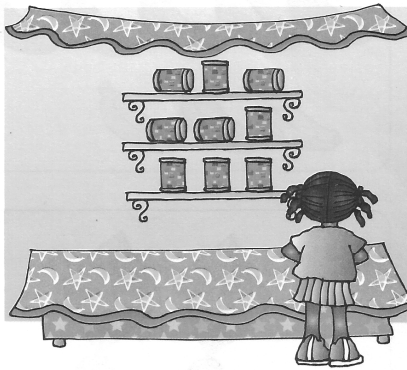
a) Quantas latinhas cada uma derrubou?

Flávia Rita

b) Quantas latinhas foram derrubadas no total?

 $\underline{\quad} + \underline{\quad} = \underline{\quad}$

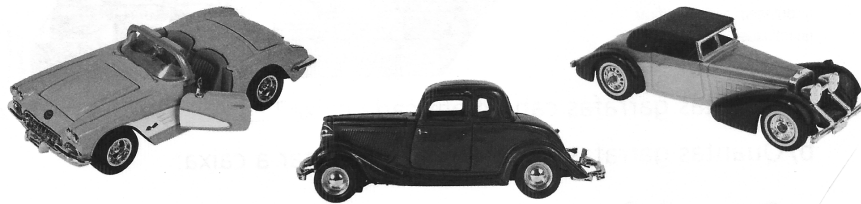
Flávia e Rita gostaram de derrubar latinhas e continuaram jogando. Marque quantas latinhas as duas derrubaram juntas.


 $\text{○} + \text{○} = \text{○}$

Carlos quer ter esta coleção de carrinhos:



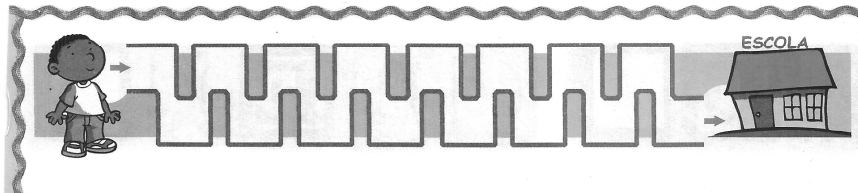
Ele já ganhou estes carrinhos:



Quantos carrinhos faltam para Carlos completar a coleção?

_____ - _____ = _____

Faltam _____ carrinhos para Carlos completar a coleção.



César cuida dos uniformes do time de futebol. O uniforme tem 4 modelos de calções e 4 tipos de camisetas. Recorte e cole as figuras combinando-as de acordo com o quadro abaixo.

